

# Junto e misturado

**CENTRÃO** Enquanto a CPI da Covid suspeita de rolos do PP na Saúde, Bolsonaro escolhe o presidente do partido para a Casa Civil

POR ANDRÉ BARROCAL

**Q**uando o deputado Ricardo Barros, do PP, líder do governo Bolsonaro, comandava o Ministério da Saúde, de 2016 a 2018, a pasta fechou seis contratos emergenciais, sem licitação, incomuns por ali. Quatro eram de transporte de insumos, remédios, vacinas e dois, de armazenagem. Todos seguiam a mesma lógica: valiam por alguns meses e eram renovados perto do vencimento. Os de transporte foram assinados em dezembro de 2016 (30 milhões de reais), fevereiro de 2017 (60 milhões), junho de 2017 (80 milhões) e dezembro de 2017 (80 milhões). Os de armazenagem, em abril e em outubro de 2017, no valor de 1,7 milhão cada. Tudo somado, 254 milhões. Depois de Barros passar o bastão de ministro a um colega de PP, Gilberto Occhi, a pasta renovaria mais uma vez o acordo de transporte (80 milhões de reais) e o de armazenagem (1,7 milhão).

A firma contratada nos oito acordos era a VTC Operador Logístico. Pertence a um empresário do setor turístico, Carlos Alberto de Sá, dono da Voetur e ex-presidente da seção brasileira da Associação Brasileira de Viagens. Sá não tem do que reclamar da gestão de Barros na Saúde, época em que faria outro belíssimo negócio, de 500 milhões de reais em cinco



**Ciro Nogueira**  
sonha em concorrer  
ao governo do Piauí  
de mãos dadas com  
o ex-capitão

anos, hoje alvo da CPI da Covid, como se verá. Recorde-se como o deputado chegou àquele cargo: quando da cassação de Dilma Rousseff, o presidente do PP, senador **Ciro Nogueira**, do Piauí, pediu o Ministério para o correligionário. A petista não topou, Michel Temer sim, e os pepistas votaram pelo *impeachment*.

**Quem deve virar** ministro agora, e uma das razões é evitar outro *impeachment*, é o próprio Nogueira. Com a impopularidade alta, a CPI no encaço, a necessidade de melhorar relações com o Senado, de salvar o mandato e se fortalecer para a reeleição, Jair Bolsonaro decidiu mexer na equipe. Resolveu “a princípio”, disse na quinta-feira 22, botar o senador na Casa Civil, coordenadora das ações governamentais. Um gesto, digamos, desprendido. “O Bolsonaro eu tenho muita restrição porque é um fascista. Ele tem um caráter fascista, preconceituoso... É muito fácil você ir para a televisão dizer que vai matar bandido”, dizia Nogueira sobre o ex-capitão em 2017, a uma TV piauiense.

Águas passadas, para alegria do dito “centrão”, cada vez mais entranhado no Palácio do Planalto (a chefe das negociações políticas já é do time, ministra Flávia Arruda, do PL). Nogueira reelegeu-se senador em 2018 em aliança com o petista Wellington Dias, governador do Piauí,

MARCELO CAMARGO/ABR E ROQUE DE SÁ/AG. SENADO



TAMBÉM  
NESTA  
SEÇÃO



pág. 30

**Marielle.** Familiares e amigos contestam a delação que atribui o crime a uma milícia carioca

Seis contratos da gestão de Ricardo Barros, no valor total de 254 milhões de reais, estão na mira da CPI



**Roberto Dias falou com a diretora da VTCLog por telefone 135 vezes**

na cola do lulismo. Agora sonha em concorrer ao governo do estado de mãos dadas com o bolsonarismo. Em entrevistas recentes, o milionário Nogueira (patrimônio declarado de 23,5 milhões de reais, incluído um jatinho de 2,8 milhões) comentou que Bolsonaro atravessa a pior fase e hoje não se reelegeria. Acha, porém, que a situação irá melhorar para o ex-capitão até 2022, no embalo de vacinas e de um PIB de bom tamanho. É o diagnóstico feito também pelo presidente da Câmara, Arthur Lira, outro do PP.

**Será esse o destino** partidário de Bolsonaro? Seria uma volta ao ninho. No DNA do PP está a Arena, a sigla do regime militar do qual o presidente sente saudades. Bolsonaro foi pepista por anos. Saiu em abril de 2015, após a convenção que manteve Nogueira à frente da agremiação, função que o senador ocupa desde 2013. Planejava disputar o Planalto, mas o PP não tinha intenção de bancar o que parecia uma aventura. Eram tempos de avanço da Operação Lava Jato, do qual nasceram inquéritos e denúncias contra o piauiense no Supremo Tribunal Federal. “O senador Ciro Nogueira foi colocado sob foco de investigação num momento no qual havia, claramente, uma tendência de criminalização da política”, disse na quarta-feira 21 um comunicado de sua assessoria.

Fosse só a Lava Jato, enquadrada pelo Supremo, e a nomeação de Nogueira para a Casa Civil não seria uma temeridade por parte do presidente. O risco é a CPI da Covid, da qual o senador integra (sem o governismo que Bolsonaro esperava). Nos bastidores da comissão, há rumores de que a era Ricardo Barros no Ministério da Saúde gerou negócios que se reverteriam até hoje em grana para o deputado, para Nogueira e para Arthur Lira.

A firma que faria a alegria da turma é



a VTC, aquela dos 254 milhões de reais em contratos inusuais. “Esse tipo de contrato costuma ser de longo prazo e com concorrência. Essa história é estranha”, afirma o senador Humberto Costa, do PT, membro da CPI e ex-ministro da Saúde. Em 2004, quando Costa era ministro, a Voetur, do mesmo dono da VTC, Carlos Alberto de Sá, foi investigada pelo Ministério Público Federal, por superfaturar a cobrança de passagens vendidas à Saúde.

A diretora-executiva da VTCLog, Andreia Lima, foi convocada a depor pela

CPI, falta marcar a data. A VTCLog é a VTC com outro CNPJ. A Comissão Parlamentar de Inquérito já requisitou ao Ministério da Saúde informações sobre contratos com a empresa. Quando recebê-las, encontrará os acordos citados no início desta reportagem. Na volta do recesso, em 3 de agosto, a CPI votará a convocação de Sá e a quebra dos sigilos bancário, fiscal e comunicacional dele, de suas firmas e de Andreia.

A história que botou a VTCLog na mira da CPI começa com Barros ministro



da Saúde. Ele privatizou a distribuição de vacinas, serviço que era prestado havia mais de 20 anos pela Central Nacional de Armazenagem e Distribuição de Imunobiológicos, a Cenadi. No lugar desta, entrou a VTCLog. Na época, um deputado estadual do Rio, Milton Rangel, do DEM, foi ao Tribunal de Contas da União, órgão auxiliar do Congresso, tentar barrar o processo. A Cenadi ficava no Rio, daí o interesse dele. Rangel alegava que o edital de licitação tinha sido elaborado com a ajuda daqueles que participariam do leilão. O TCU chegou a brechar tudo, mas no fim deu sinal verde ao negócio.

**A decisão de privatizar** e todos os preparativos foram feitos quando Barros era ministro. Na assinatura do contrato, ele não era mais. Já havia saído para concorrer de novo a deputado. O contrato é de cerca de 500 milhões de reais por cinco anos. No início de 2019, a VTCLog e o Ministério da Saúde se desentenderam sobre como calcular o valor de certos serviços. A empresa queria cobrar 57 milhões. Técnicos do Ministério defendiam 1 milhão. A briga se arrastou. Em março deste ano, uma advogada da União integrante da consultoria jurídica da Saúde, Adriele Matos de Santana Santos, deu um parecer a favor da posição dos técnicos. Em vão.

Em maio, foi assinado um aditivo ao contrato, a fixar o serviço em questão em 18 milhões. Quem deu o aval para o aditivo foi o então diretor de Logística do Ministério, Roberto Ferreira Dias, personagem do Vacinogate. Dias é ligado a Barros, trabalhou no governo do Paraná quando o estado era administrado pela esposa do deputado, Cida Borghetti. Foi demitido do Ministério em 29 de junho, em razão da acusação de cobrar propina de 1 dólar por vacina em negociações obscuras de 400 milhões de doses oferecidas por um PM mineiro, Luiz Paulo Dominghetti, e

## A VTCLog pagou 250 mil reais à Precisa, empresa atravessadora de 20 milhões de doses da Covaxin

um reverendo de Brasília, Amilton Gomes de Paula. A CPI quebrou o sigilo telefônico de Dias e descobriu 135 ligações dele com Andreia, da VTCLog. Daquelas chamadas, 129 partiram da executiva.

A CPI fez outra descoberta curiosa. A VTCLog pagou 250 mil à Precisa Medicamentos. Esta é a atravessadora da compra, em fevereiro, de 20 milhões de doses de vacinas indianas Covaxin pelo governo. Essa compra é aquela eivada de indícios de corrupção, segundo denúncia levada a Bolsonaro por um servidor da Saúde, Luis Ricardo Fernandes, e seu irmão deputado, Luis Miranda. Foi suspensa pelo governo logo após o depoimento de Fernandes à CPI, no fim de junho. Qual seria a razão do pagamento da Precisa à VTCLog,

operação identificada pela comissão na quebra de sigilo bancário da primeira? Seria um duto para escoar grana ao PP?

A Precisa figura em outro rolo do tempo em que Barros era ministro da Saúde. Seu dono, Francisco Maximiano, é o mesmo da Global Saúde. Barros é réu na Justiça sob a acusação de improbidade em um pagamento de 19,9 milhões de reais à Global. Foi um pagamento antecipado por remédios que a Global não tinha para entregar, embora promettesse arranjá-los. Note, leitor: no contrato da Covaxin, intermediado pela Precisa, uma das estranhezas é um pedido de pagamento antecipado de 45 milhões de dólares em Cingapura. Maximiano foge da CPI. Convocado a depor, primeiro invocou uma quarentena por suspeita de Covid-19, depois conseguiu no Supremo um *habeas corpus* que lhe permitisse ficar em silêncio.

**Com esse pano** de fundo, Bolsonaro acaba de propor a recondução de Augusto Aras ao cargo de procurador-geral da República. Caberá ao Senado aprovar a indicação, o que não deve ser lá muito difícil. Muitos senadores gostariam de ver Aras no Supremo, por ele não ser do tipo que criminaliza a política. O senador Flávio Bolsonaro pediu ao “xerife” que processe o relator da CPI, Renan Calheiros, por abuso de autoridade. O “zero um” de Jair diz que, durante uma das sessões da comissão, o relator divulgou parte de um depoimento sigiloso do presidente. “No Brasil, até a milícia denuncia”, reagiu Calheiros, ironicamente.

Irônica é a escolha de Ciro Nogueira para chefe da Casa Civil. “Se gritar pega ‘centrão’, não fica um meu irmão”, cantarolava na eleição o general de pijama Augusto Heleno, hoje chefe do GSI, o órgão de inteligência do Planalto. Bolsonaro é cada vez mais refém dessa turma que corre se alguém grita. •



A empresa contratada por Barros pertence a Sá, dono da Voetur

